

## INTERAÇÃO E FUNCIONALIDADE GENÉRICA: MUDANÇAS DE SUPORTE E REPERCUSSÕES PARA AÇÃO SÓCIO-RETÓRICA TIPIFICADA PELO GÊNERO

Digenário Pessoa de SOUSA (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** Buscamos com este trabalho refletir sobre as inter-relações entre suporte, interação e função no editorial de jornal partindo da hipótese de que a função e a ação sócio-retórica são definidas, em última instância, pelo *status* da interação. Fundamenta essa pesquisa os trabalhos de Bakhtin ([1929] 2002) e ([1979] 2003), Bazerman (2004) e Miller (2009), Schneuwly e Dolz (2004) e Marcuschi (2003). Os procedimentos de análise dos dados utilizados aqui são de caráter eminentemente descritivo e interpretativo em que os editoriais, *corpora* desse trabalho, veiculados em suportes diferentes são analisados a partir da descrição do funcionamento desse gênero em seu domínio discursivo natural em contraponto com as esferas *escolar* e *científica* e com as seguintes categorias teóricas: a) função e ação sócio-retórica tipificada; b) mecanismos de textualização; c) padrões de interação; d) suporte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suporte. Interação. Ação sócio-retórica.

### 1. Introdução

Tendo em vista a complexidade das tecnologias da comunicação e a conseqüente complexidade das relações inter-individuais através de textos, vê-se que um gênero pode ser facilmente transladado de um suporte para outro como ocorre, por exemplo, com os gêneros na esfera escolar. No entanto, com essa mudança de suporte, muda-se também o contexto de uso desse gênero, os sujeitos da interação e inevitavelmente os sentidos e as ações sócio-retóricas resultantes de sua utilização. Na esteira desse panorama, indaga-se, desse modo, nesse trabalho, quais as implicações dessa mudança de suporte para a funcionalidade, de modo específico, e para a configuração geral do gênero editorial.

Partindo da hipótese de que a função e a ação sócio-retórica são definidas, em última instância, pelo *status* da interação que, embora pressuposta, é negligenciada e/ou preterida em grande parte dos estudos com gêneros, objetiva-se estudar a relação entre o suporte, a função e a interação no editorial de jornal para a compreensão do uso desse gênero nas esferas específicas escolar e científica, mais especificamente em livros didáticos de produção textual e nos textos acadêmicos de lingüística.

Para tanto, metodologicamente, partimos da descrição dos domínios discursivos que, de um modo geral, são macro-organizadores das atividades discursivo-textuais desempenhadas pelos gêneros. Elegemos como categorias teóricas a (a) função e ação sócio-retórica tipificada; (b) mecanismos de textualização; (c) padrões de interação; e (d) suporte. Assim, contrastamos essas categorias em função dos três domínios discursivos em análise através do experimento de traslado de suporte. Fundamenta essa pesquisa os trabalhos de Bakhtin ([1929] 2002) e ([1979] 2003), donde se tem as bases do estudo de gênero como uma estrutura textual-discursiva direcionada a organizadora de esferas de atividade humanas; Bazerman (2004) e Miller (2009) em um viés sócio-retórico de análise de gênero; Schneuwly e Dolz (2004) que esboçam uma análise dos desdobramentos para o gênero quando transposto para a esfera escolar e Marcuschi (2003) com um trabalho sobre o suporte dos gêneros.

### 2. Os gêneros do discurso

Bakhtin ([1979] 2003, p. 162) refere-se aos gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. *Gênero* é, assim, uma forma de organização dos

enunciados e, portanto, a compreensão do gênero passa, necessariamente, pela compreensão do enunciado. Olhando por esse prisma, o objeto de reflexão desse trabalho, em última instância, são os enunciados e suas relações com seu suporte, o que nos leva, necessariamente, a iniciar esse trabalho pela clarificação da concepção de enunciado subjacente a esta breve pesquisa. Além disso, cremos que, à medida que vamos elucidando a noção de enunciado, estaremos concomitantemente nos inserindo no domínio da conceitualização de gênero.

Diferentemente da visão tradicional de enunciado que o toma como uma estrutura sistêmica, abstrata e formal, o concebemos antes como uma ação orientada de linguagem histórica e socialmente situada. Assim, nossa concepção de enunciado, na esteira dos trabalhos do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, extrapola os limites da oração e situa-se no domínio do discurso. Por isso mesmo, muito mais que simplesmente refletir a realidade referenciada por ele, o enunciado a refrata conforme as entoações específicas do contexto enunciativo (cf. BAKHTIN, [1929] 2002).

No livro *Estética da Criação Verbal*, mais especificamente, no capítulo que trata dos *Gêneros do Discurso*, Bakhtin reafirma o anteriormente exposto e apresenta ainda quatro características do enunciado que lhe são constitutivas: a) alternância de sujeitos; b) acabamento; c) intenção e; d) gênero.

Bakhtin ([1979] 2003) diz serem os enunciados apenas elos na infinita cadeia do discurso. Entretanto, esses elos – diferentemente do que ocorre com a oração que se limita ao nível da frase ou, no máximo ao nível do texto<sup>2</sup> – possuem limites que são demarcados pela alternância dos sujeitos do discurso que os operacionalizam. Ou seja, o fim de um enunciado é o momento da passagem da palavra de um sujeito discursivo a outro; é o momento em que se abre espaço para ação responsiva do outro sujeito, até então interlocutor. Esse instante de passagem da palavra é denunciado internamente pelo sujeito discursivo onde demarca o acabamento ou conclusibilidade no enunciado de modo que seja percebido pelo interlocutor, especialmente, por meio do “tratamento exaustivo do objeto e do sentido (o que pôde ser dito naquela situação), a intencionalidade do falante (projeto discursivo) e os gêneros do discurso” (RODRIGUES, 2005, p. 161).

Como se pressupõe nos estudos que tomam Bakhtin e seu Círculo como referencial teórico, o enunciado é direcionado de um sujeito discursivo a outro sujeito discursivo. Dito de outro modo, “a enunciação<sup>3</sup> é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, [1929] 2002, p. 112). Isso posto, o enunciado funciona como um instrumento semiótico a serviço das intenções discursivas dos sujeitos que cooperam através da linguagem, fazendo-nos, desse modo, reafirmar Bakhtin, sobretudo quando concebe a interação verbal como a realidade constitutiva da enunciação. Logo, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, [1929] 2002, p.113), uma vez que os sujeitos que interagem através da linguagem possuem, necessariamente, objetivos comuns naquele ato de fala.

A intenção ou função é outra estrutura constitutiva do enunciado; todo enunciado possui uma funcionalidade dentro da dinâmica social a que serve. Um abaixo-assinado tem uma função que lhe é característica assim como um *habeas corpus* e um mandado de segurança possuem funções identificáveis pelos sujeitos parceiros da interação. Ela constitui, pois, um

<sup>1</sup> “*Círculo de Bakhtin* é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Voloshinov na década de 1920 e Medvedev, provavelmente, na década de 1940.” (RODRIGUES, 2005, p. 151)

<sup>2</sup> Concebido como uma estrutura composta por orações coesamente organizadas, ou seja, por um conjunto de seqüências textuais.

<sup>3</sup> Sabe-se, aqui, da flutuação terminológica natural à produção de Bakhtin. Assim, embora o termo citado seja “enunciação, o tomamos como equivalente a enunciado e os utilizaremos sinonimicamente neste trabalho.

“contrato de enunciação” historicamente construído; dito de outro modo, a função é, pois, tipificada.

A esse respeito Bazerman (2005) e Miller (2009) mostram que o gênero e, conseqüentemente o enunciado, são estruturas lingüístico-sociais que desempenham uma ação sócio-retórica. Nessa linha de raciocínio, o enunciado serve então para agir socialmente e em direção a uma finalidade específica; daí ser retórico. Mais ainda, os gêneros são ações sociais *tipificadas* por causa da recorrência de determinados procedimentos lingüístico-retóricos sobre exigências situacionais retóricas também recorrentes que entram para a tradição de uma comunidade discursiva e dessa forma tornam-se restrições<sup>4</sup> à atividade social. Assim, o gênero compõe a experiência social que é transmitida de uma geração para outra e que otimiza as relações sociais. Nesse sentido, os enunciados se configuram como uma “‘resposta’ retórica a ‘demandas’ situacionais percebidas pelo retor” (MILLER, 2009, p. 23).

O gênero, outra característica constitutiva do enunciado, são tipos, nas palavras de Bakhtin ([1979] 2003), ou tipificações se se adota uma perspectiva sócio-retórica (BAZERMAN, 2005; MILLER, 2009). Ao tipificar-se, o enunciado “estabiliza-se”, ou seja, regulariza ações sócio-retóricas possíveis em função dos sujeitos e dos padrões de interação inseridos em um contexto específico de ação lingüística. “A situação e os participantes imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, [1929] 2002, p.114), isto é, tendo em vista a esfera de atividade a que os sujeitos pertencem configurar-se-á o enunciado desta ou daquela maneira, porque os “enunciados refletem condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana” (BAKHTIN, [1979] 2003, P. 261).

Por esse viés, a *esfera de atividade humana*<sup>5</sup> constitui e é constituída pelos gêneros que dela fazem parte. Concebido assim, o gênero faz parte de um todo e só pode ser compreendido mais cabalmente inserido nesse todo dinâmico. Além disso, metodologicamente, a esfera de atividade passa a funcionar também como um macro-grupo onde se pode classificar gêneros e daí podermos falar, por exemplo, em gêneros jornalísticos, acadêmicos, jurídicos, etc.

Mas os gêneros não circulam no vazio. Eles precisam de uma estrutura que dê a eles visibilidade e dinâmica, que é conhecida como suporte. Essa estrutura é de fundamental importância para a circulação do gênero no seu meio social específico e, provavelmente, deve exercer alguma influência sobre o gênero suportado (cf. MARCUSCHI, 2003). De modo mais didático o suporte pode ser definido, segundo Marcuschi (2003, p.11) como o:

“*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. [...] uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”

Daí depreende-se que o suporte possui um formato específico, ou seja, é constituído dialeticamente com o gênero a que serve e acaba tendo uma funcionalidade orgânica com este mesmo gênero de modo que podemos afirmar que o suporte compõe o grupo dos traços definidores do gênero. Ora, os suportes são artefatos culturais especializados para dar visibilidade a um gênero e contribuir assim para consecução de seu propósito comunicativo. Por exemplo, muitas vezes o suporte é fator definidor do gênero. Vejamos o enunciado abaixo

(1) Olá Joaquina,

<sup>4</sup> Restrição, aqui, significa dizer que a atividade lingüística necessariamente tem de passar pelo gênero para garantia de sua eficácia comunicativa.

<sup>5</sup> Conceitos semelhantes são *Sistemas de Atividades* (BAZERMAN, 2005) e *Domínio Discursivo* (MARCUSCHI, 2003).

Estou escrevendo-lhe para lhe pedir que não esqueça da gente por aqui. Faz três meses que você viajou e ate agora não nos deu notícias. Por aqui tudo vai bem, so muitas saudades de você.  
Abraços de sua amiga,

Isabel.

Trata-se de uma carta ou um e-mail?. Difícil responder sem mais informações. Mas se se hipotetiza que tal enunciado foi veiculado em um papel, então, não resta dúvidas de que se trata de uma carta.

Do ponto de vista da funcionalidade dessa estrutura, tem-se que o suporte serve para fixar e mostrar o texto e, portanto, a necessidade da especificidade do formato do suporte, pois esse se organizará da melhor forma para cumprir com a função de fixação e divulgação do gênero suportado. De um modo geral, poder-se-ia dizer que o suporte, por sua ligação intrínseca com o gênero acaba sofrendo as mesmas determinações deste, ou, dito de outro modo, o suporte molda-se ao contexto enunciativo imediato e mediato. Em um anúncio publicitário, por exemplo, que objetiva, dentre outras funções, coagir um consumidor potencial a tornar-se um consumidor real, para atingir seus propósitos comunicativos faz recurso a muitas semioses simultaneamente, dentre elas, as visuais. Então, para isso, é necessário que o material que irá suportar este anúncio apresente uma boa qualidade de impressão e, na maior parte das vezes, possibilite a impressão colorida. E essas características do suporte são, pois, de grande importância para que o gênero atinja seus propósitos.

### 3. Diretrizes metodológicas

Os procedimentos de análise dos dados utilizados aqui são de caráter eminentemente descritivo e interpretativo. Buscamos, desse modo, tecer reflexões acerca das inter-relações entre função, ação sócio-retórica, interação e suporte utilizando como base procedimentos descritivos. Cremos que, descrevendo o funcionamento discursivo do editorial nos domínios discursivos tratados neste artigo, teremos subsídios para compreender – ou, pelo menos, visualizar melhor – alguns fenômenos inerentes ao funcionamento desse gênero além de poder hipotetizar sobre algumas questões ainda não resolvidas.

Os *corpora* desse trabalho são editoriais de jornal veiculados em suportes diferentes. Tomamos como referencial de comparação o editorial em seu suporte característico que é o jornal. A partir da descrição do funcionamento desse gênero em seu domínio discursivo natural passamos a discutir seu funcionamento nas esferas de atividade *escolar* e *acadêmico-científica* além de discutir também questões derivadas desse deslocamento de suporte.

As categorias teóricas que servem de base para análise/descrição são: a) função e ação sócio-retórica tipificada; b) mecanismos de textualização; c) padrões de interação; d) suporte. Descrevemos essas categorias para o editorial em seus diferentes meios de utilização em função dos suportes diferenciados. A partir delas é que chegamos a algumas conclusões e a mais indagações que, em virtude do porte desse trabalho, temporariamente, não poderão ser respondidas, mas que achamos bastante profícuo salientá-las e relevar o caráter de inconclusibilidade do presente estudo. É importante ainda ressaltar a interdependência dessas categorias para o advento das considerações arroladas aqui. Assim a compreensão e abrangência de implicações de uma categoria têm determinações na compreensão e abrangência de implicações da outra.

### 4. Análises

#### 4.1 Síntese dos achados

Listamos, abaixo, sinteticamente, as conclusões a que chegamos com este estudo reflexivo, de modo que elas sirvam de orientação de leitura e de exposição das reflexões arroladas no decorrer desta seção.

- I) Reforçando as teses de Schneuwly e Dolz (2004) e Marcuschi (2003) há um desdobramento funcional ou reversibilidade funcional no gênero editorial;
- II) Mais que uma estrutura externa do gênero, o suporte é constituinte mesmo desse gênero;
- III) Nas esferas acadêmica e escolar, o editorial torna-se objeto de reflexão científica e de ensino, respectivamente;
- IV) A função e a ação sócio-retórica do gênero, de fato, é definida na interação;
- V) Metodologicamente, além da dificuldade de elaboração de um método adequado para o estudo do suporte, conclui-se que não se pode analisar um gênero tendo em vista apenas a sua rotulação. Um editorial é distinto conforme uma série de fatores discretos que exercem influência determinante sobre o gênero, por exemplo, o suporte.

#### 4.2 Diferentes contextos para o gênero editorial de jornal

Iniciamos, portanto, por uma descrição geral dos domínios discursivos que recortamos para a análise do gênero editorial. Conforme supracitado, o domínio de atuação dos gêneros é importante para que se compreenda seu funcionamento na medida em que é fator constitutivo do gênero, além de ser constituído por gêneros que lhe são típicos.

##### a) Jornalístico

O sistema de atividades jornalístico é um meio de importância inquestionável nas sociedades modernas, especialmente, as ocidentais. Exerce papel fundamental na transmissão de informação e, mais ainda, no posicionamento de opiniões e na conseqüente manipulação da opinião pública.

Ideologicamente, a esfera jornalística procura sedimentar o argumento da **imparcialidade** na coleta, leitura e transmissão da informação. Porém, há também a ideologia velada da não separação entre interesses econômicos e políticos. Silva e Sousa (2009) afirmam isso ao defenderem que a construção referencial é orientada pela heteroglossia/polifonia e, portanto, por vozes sociais que ostentam posicionamentos políticos consoantes (destoantes também) aos da empresa jornalística veiculadora do discurso.

Os gêneros que tipicamente circulam na esfera jornalística são muitos e bastante variados e o próprio domínio discursivo é também bastante complexo de modo que é possível visualizar subgrupos a partir de suportes diferentes, por exemplo, os jornais diários, as revistas semanais, os jornais virtuais, etc. São exemplos de gêneros que circulam em jornais diários, a notícia, o artigo de opinião, a carta do leitor, os classificados, as charges, os editoriais, entre outros. Cada gênero desses responde por um papel específico na estrutura global do jornal.

##### b) Escolar

A escola é outro domínio discursivo bastante institucionalizado e que se coloca como um imperativo de passagem para toda a sociedade letrada, uma vez que o processo educacional encontra-se cada vez mais centrado nessa instituição.

Pautada em ideologias tais como as que consideram a escola **o lugar de interação e de promoção social**, a esfera de atividade escolar organiza-se genericamente em torno desses princípios e, assim como nos demais esferas de atividade, tornar-se membro efetivo dessa



comunidade discursiva passa, portanto, pelo aprendizado dos gêneros que a constituem conforme os papéis desempenhados. Então, por exemplo, o professor deve dominar os gêneros diário de classe, explanação oral, debate, avaliação, etc.

A escola assume, portanto, especialmente no ensino de língua materna, a função de desenvolver competências semiótico-discursivas nos alunos para interação social e para isso, parte dos gêneros de discurso.<sup>6</sup>

### c) Acadêmico

O domínio acadêmico caracteriza-se por ser uma área destinada a produção do saber científico que, assumida ou veladamente, é atravessado por axiologias tais como a neutralidade científica, o rigor formal, a imparcialidade, a objetividade, a impessoalidade, o compromisso com a verdade. A esfera acadêmica é, portanto, dotada de uma especificidade da mesma natureza que a esfera escolar. Nesses domínios discursivos, a realidade torna-se objeto de reflexão; busca-se compreender como o real (realidade empírica) funciona, se constitui, por que é da forma que é, como pode ser melhorado, desenvolvido, etc.

Compõem o repertório genérico desse domínio discursivo resenhas, artigos científicos, ensaios, resumos, comunicação oral, conferência entre outros. Esses gêneros constituíram-se para operacionalizar as atividades acadêmicas e explorar os temas inerentes a essa esfera de atividade de modo a satisfazer os fins específicos do gênero e, globalmente, os propósitos do domínio discursivo.

## 4.3 O editorial no jornal, no livro didático e no texto acadêmico de linguística

Os suportes objetos dessa discussão são o jornal, o livro e o texto acadêmico de linguística. Referendando o dito acima, os suportes são antes traços constitutivos da dinâmica dos gêneros que materialidades externas e inertes. Então, o suporte figura como uma estrutura determinante nos processos sócio-semióticos relacionados aos gêneros discursivos.

Maingueneau (2008) defende que uma modificação no suporte implica uma mudança radical no próprio gênero do discurso. Exemplifica com o debate político argumentando que este gênero é “totalmente diferente” (p.68) conforme seja veiculado em um canal de televisão ou realizado em uma sala para um público formado exclusivamente de ouvintes presentes. Concordamos parcialmente com o autor, pois acreditamos que, de fato, o suporte influencia o formato global do gênero, mas não corresponde bem à realidade a afirmação da total diferença do debate político a depender do gênero. Realmente, há uma mudança substancial de um para o outro, mas daí a Maingueneau afirmar o supracitado é algo que requer um pouco mais de reflexão. Isso porque, embora realizado em suportes distintos, os traços gerais constituidores do gênero permanecem, de tal modo que ainda é possível conservar a rotulação *debate político*. Ademais, as modificações ocorrem, mormente, nas estratégias de captação do público, mantendo-se ainda o propósito primeiro do gênero, qual seja, exposição e imposição de idéias<sup>7</sup>.

Tomemos, pois, o editorial na problemática deste trabalho. Pode ser que, realmente, haja uma total diferença desse gênero conforme ele seja suportado pelo jornal ou pelo livro didático ou ainda pelo texto acadêmico de linguística. O jornal, suporte natural do editorial, funciona como um macro-suporte que agrupa uma grande diversidade de textos. Esse é um

<sup>6</sup> É claro que a depender da perspectiva de trabalho adotada pela escola, os gêneros do discurso não sejam trabalhados, de fato, como gêneros nesse viés sócio-discursivo inaugurado por Bakhtin ([1979] 2003) mesmo esta perspectiva já tendo sido oficializada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

<sup>7</sup> Claro e que, em virtude de um novo contrato de interação ensejado pelo no suporte, tem-se um acréscimo de funções.

traço que deve ser considerado, porque o editorial encontra-se inter-relacionado, na estrutura global do jornal, com outros gêneros que inevitavelmente lhe acrescentarão traços que o integre ao domínio discursivo do qual faz parte. De modo diferente, no livro didático e no texto científico, a relação do editorial com outros gêneros será de outra ordem. No livro didático, o editorial ocorrerá junto a outros textos que compõem o currículo proposto para a prática pedagógica, não necessariamente os mesmos que acompanham o editorial no jornal. No texto acadêmico de lingüística (e importante ressaltar, não são todos os textos acadêmicos de lingüística, mas somente aqueles que fazem uso da análise de textos para consecução de seus objetivos teórico-metodológicos), na maior parte dos trabalhos, o editorial figurará sozinho (ou com vários outros editoriais), exceto se a proposta do estudo adotar como *corpus* mais de um gênero problematizando a inter-relação entre esses gêneros no seu suporte, por exemplo. Essas configurações exercem, pois, inevitavelmente, alguma influência no funcionamento e/ou no modo de interagir com ele.

Outra questão, específica ao caso do editorial suportado por um texto acadêmico de lingüística, é o estatuto de suporte do texto. Na argumentação sobre um conceito para suporte, Bezerra (2007, p. 11) afirma que “o gênero provavelmente pode ser distinguido de seu suporte, na maioria das vezes, através da consideração de que **o texto não é um objeto**”. Nesse sentido, o texto científico não poderia ser concebido como suporte. Todavia, o texto em si também ostenta uma materialidade que lhe confere a possibilidade de figurar como suporte. Um exemplo bem grosseiro, mas que serve para ilustrar isso, é o fato de que um texto pode ser comercializado, possui donos (autores) resguardados por direitos autorais, enfim, é também uma coisa. Estaríamos, portanto, diante de uma sobreposição de suportes; a revista, o anal, entre outros, suportando o texto científico e este suportando o editorial. Além disso, os suportes não são objetos pura e simplesmente, conforme defende Bezerra. Isso porque, por exemplo, o *outdoor*<sup>8</sup> é um suporte que foi resultado de uma elaboração humana pensada para satisfazer um fim específico, qual seja suportar mensagens (gêneros) específicas. Ora, isso por si só retira esse instrumento do mundo puramente objetivo para passar a integrar o mundo da cultura. Nessa linha de raciocínio, textos também são instrumentos resultados das práticas sociais e de linguagem e, nesse aspecto, apresentam natureza semelhante ao *outdoor*, ou ainda, aos suportes, porque, do contrário, estaríamos negando tudo o decorrido até aqui, haja vista crermos na relação íntima e dinâmica entre o gênero e seu suporte.

Nessa mudança de suporte ocorrida quando o editorial passa a ser suportado pelo livro didático ou pelo texto científico, haja vista a ligação intrínseca do suporte com todo o contexto do gênero, vê-se que as modificações vão bem mais além do simples traslado do texto. O editorial em um novo suporte implica novo domínio discursivo, novos sujeitos em interação com horizontes sociais também novos e, certamente, usos diferentes e, portanto, novas funções.

Tendo em vista isso, tentamos abaixo um rastreamento dos padrões de funcionamento e interação do editorial conforme os contextos de uso problematizados neste trabalho. Todavia, é importante ressaltar a generalidade com que são feitas os esquemas, uma vez que a realidade se caracteriza por ser um feixe de fenômenos conexionados em rede e que se torna praticamente impossível de apreender em esquemas simplistas. Porém, estes se fazem necessários para podermos visualizar melhor o fenômeno estudado.

---

Exemplo utilizado por Bezerra (2007) para ilustrar sua proposição sobre suporte e que problematizamos aqui.

**Quadro 01: Padrão funcional e interacional típico do editorial**

Suporte		Jornal
Domínio discursivo		Esfera jornalística
Sujeitos	Autoria	Institucional (empresa jornalística)
	Leitor presumido	De um modo geral, os leitores ordinários do jornal, pertencentes as classes sociais mais abastadas, especialmente A e B.
Função (F)		Mormente, opinar sobre fatos de relevo e atualmente debatidos na sociedade.

No jornal, o editorial funciona de seu modo típico. Funciona, especialmente, para marcar o posicionamento da empresa jornalística frente aos temas públicos de maior notoriedade no momento. No editorial, o jornal reserva-se o espaço de quebrar com o paradigma da imparcialidade (ou parcialidade velada, conforme supracitado) além de prestar conta aos seus financiadores<sup>9</sup> sobre seu posicionamento. Conforme Bakhtin ([1929] 2002) e ([1953] 2003), os enunciados são respostas a outros enunciados. Assim, os editoriais respondem a outros enunciados e que estão em discussão no momento no meio social em que circulam.

Na esteira da noção de tipificação proposta por Bazerman (2005), a função é imanente ao todo do gênero, assim como os sujeitos parceiros do contrato genérico. O editorial tipifica, portanto, também os parceiros da interlocução, onde interagem a instituição jornalística e o leitor ordinário do jornal. Conforme Alves Filho (2006), temos no editorial o que ele chama de **autoridade institucional**. Assim, embora saibamos que o produtor desse gênero é um editor do jornal, a responsabilidade social sobre o dito nesse texto recai sobre a empresa jornalística. Desse modo, o editorial torna-se o espaço aberto de interlocução e defesa de interesses da empresa jornalística; o lugar onde a instituição afirma as vozes sociais que defende e questiona posições sociais; o lugar onde reverberam as vozes das altas esferas de poder. Poderíamos até mesmo defender a tese de que o editorial é um espaço de interlocução institucional. Porque, de certa forma, a ação-resposta esperada pelo jornal, muito mais que a de um simples leitor particular, é institucional. Ora, os temas debatidos neste gênero, em sua grande parte, versam sobre a atividade de instituições como o governo (em suas três esferas), grandes empresas, repartições do governo (tais como a Câmara dos Deputados, etc.).

Dentro da dinâmica da esfera jornalística, os mecanismos de textualização estão correlacionados aos propósitos do domínio discursivo. É marca textual dos textos deste domínio discursivo, por exemplo, a impessoalização, que se dá, especialmente, por meio de verbos e pronomes de terceira pessoa. Isso se deve, acreditamos, no caso do editorial, por um lado, ao fato de a autoria nesse texto ser institucional, além de, por outro lado, coadunar com o traço característico da esfera jornalística, a saber, a pretensão de objetividade ou parcialidade velada dos textos jornalísticos. Vejamos o exemplo seguinte:

## (2) Professor faz falta

Não **constitui** surpresa, infelizmente, a constatação estatística, feita pela Secretaria da Educação do governo paulista, de que as faltas de professores têm impacto direto no desempenho de seus alunos.

De acordo com o estudo, a cada ponto de aumento no percentual de faltas de docentes, a nota média do aluno cai 7,5% em português e 8,5% em matemática. **Foi usado** um modelo estatístico que harmoniza os demais parâmetros - compara alunos

<sup>9</sup> São financiadores do jornal tanto os patrocinadores e anunciantes quanto os assinantes do jornal.



em turmas e regiões semelhantes - e, assim, **explicita** com mais argúcia o peso do absenteísmo.

A relação direta entre faltas de professores e queda no desempenho de estudantes já havia sido apontada num outro estudo, feito em Minas Gerais. Neste caso, ficou constatado que a assiduidade docente agregava 7% à média dos alunos - na comparação com a de estudantes que enfrentavam altos índices de faltas de seus professores.

Em 2007, reportagem desta Folha revelou que, a cada dia, 13% dos professores da rede estadual paulista não compareciam ao trabalho, contra 1% na rede particular. Por mais que sindicatos de professores ainda tentem, é impossível justificar tamanho absenteísmo.

Quando limitou o número de faltas justificadas com atestado médico - sem desconto no salário - a seis por ano e instituiu bônus que leva em conta a assiduidade, o governo estadual começou a mudar o quadro. Há várias ocupações com remuneração e condições de trabalho que não são ideais. Nem por isso, na imensa maioria desses casos, **os profissionais** deixam de comparecer regularmente ao trabalho.

Fechadas, aos poucos, as lacunas que estimulam as faltas na rede pública, **cabe, evidentemente, não esquecer** de outras atitudes das quais depende a melhoria do ensino brasileiro - e da rede paulista, em particular, cujo desempenho está longe do esperado para o Estado mais rico e industrializado do país.

(Folha de São Paulo, 13/01/2009)

E observável no exemplo acima retirado do jornal *Folha de São Paulo* as estratégias de impessoalização mencionadas anteriormente. Predominam verbos na terceira pessoa do singular, ou, conforme Benveniste (1991), a não-pessoa. O efeito de sentido disso é a força argumentativa de se fazer os fatos falarem, ou melhor, opinarem por si mesmos, ou melhor ainda, referendarem a opinião da empresa jornalística.

Para reforçar seu papel argumentativo, percebe-se que os editoriais utilizam descrições nominais definidas, anáforas recategorizadoras e também de modalizações deônticas.

Abaixo trazemos outro quadro apresentando um esquema de funcionamento do editorial na esfera escolar, em que aparecem os desdobramentos funcionais e interacionais.

**Quadro 02: Padrões de interação e desdobramentos funcionais na esfera escolar**

Suporte		Livro didático
Domínio discursivo		Esfera escolar
Sujeitos	Autoria	[Institucional (empresa jornalística)] <sup>1</sup> ; [Professor/Lingüista] <sup>2</sup> ; [Professor/Lingüista] <sup>3*</sup>
	Leitor presumido	[Professor/Lingüista] <sup>1</sup> ; [professor de Língua Materna] <sup>2</sup> ; [aluno] <sup>3</sup>
Função		F <sup>1</sup> : Análise do gênero com fins pedagógicos; (F) F <sup>2</sup> : Análise do gênero com fins pedagógicos; Construção de métodos de aprendizagem; (F) F <sup>3</sup> : Desenvolvimento cognitivo-textual e avaliação de aprendizagem; (F)

<sup>1</sup> primeiro nível de interação;

<sup>2</sup> segundo nível de interação;

<sup>3</sup> terceiro nível de interação;

\*relação mediada pelo Professor de Língua Materna;

F<sup>1</sup>: função relacionada ao primeiro nível de interação;

F<sup>2</sup>: função relacionada ao segundo nível de interação;

F<sup>3</sup>: função relacionada ao terceiro nível de interação.

Ao ser suportado pelo livro didático, o editorial exhibe um funcionamento especificado pelas injunções do domínio discursivo escolar. Em uma observação rápida do quadro acima, percebemos que o que se mantém com maior integridade são os padrões retóricos, ou seja, as

seqüências textuais. Enfim, destacam-se os processos de transposição da materialidade textual e os **modus de (re)constituição de contexto**. Neste ponto, cremos na necessidade de se observar mais detalhadamente as formas de traslado do gênero, ou seja, como este é apropriado e objetivizado por sujeitos de outras esferas de atividade.

Conforme imagem em anexo (anexo A.1, p. 21), observamos que o editorial é transcrito na íntegra (ou quase na íntegra, por causa da marca indicadora de continuidade “[...]”). Conserva-se assim a textualidade original do editorial. Entretanto, diferentemente do seu ambiente natural de circulação, aqui o editorial responde por outras tipificações funcionais correlacionadas aos diferentes padrões de interação apresentados no quadro acima.

Identificamos três níveis de interação em que (a) a Instituição (empresa jornalística) interage com o Professor/Lingüista; (b) o Professor/Lingüista interage com o Professor de Língua Materna e (c) em que o Professor/Lingüista interage, por meio da ação do Professor de Língua Materna, com o aluno. A esses níveis de interação correspondem, respectivamente as funções F<sup>1</sup>, F<sup>2</sup> e F<sup>3</sup> descritas no quadro.

Percebe-se no quadro que, a lado do acréscimo de funções com as novas interações há a manutenção da função original do texto (F). Isso é interessante, porque, se estamos corretos em afirmar a relação função-interação, a preservação da função original do texto – embora em nível secundário – aponta para uma maior complexidade e organicidade das interações. Didaticamente estabelecemos os três níveis de interação acima, mas poder-se-ia afirmar que subjacente as estes há ainda a interação dos novos interlocutores do segundo e terceiro nível com o locutor original do texto, qual seja, a Instituição (Empresa Jornalística). Isso se torna mais acentuado se o **modus de (re)constituição de contexto** é um processo assumido pelos sujeitos dos níveis dois e três, principalmente se se opta por trabalho que busque inserir o aluno na dinâmica real do funcionamento dos gêneros. Observando a imagem em anexo (anexo A.1, p. 21), vemos que ao manter a integridade da materialidade textual e apontar em nota a fonte de origem do texto, mantém-se também a função original do enunciado. Além disso, as questões listadas a seguir para orientar a ação didática do professor apontar para o que chamamos de **modus de (re)constituição de contexto** em que se pretende recuperar os os parâmetros contextuais de funcionamento do gênero.

É claro que, a depender dos propósitos e características da abordagem, os parâmetros contextuais (função, interação, domínio discursivo, objetivos do domínio discursivo, etc.) podem ser preteridos em detrimento, exclusivamente do tratamento formal do texto<sup>10</sup>.

É importante ainda ressaltar que, no primeiro nível de interação, o suporte ainda não é o livro didático, mas optamos por incluí-lo para descrever, de modo sumário, o processo de traslado do gênero e que este processo se dá devido aos sujeitos que interagem neste gênero e as finalidades imprimidas por estes com essa interação.

**Quadro 03: Padrões de interação e desdobramentos funcionais na esfera acadêmica**

Suporte		Texto acadêmico de lingüística
Domínio discursivo		Esfera acadêmica
Sujeitos	Autoria	[Institucional (empresa jornalística)] <sup>1</sup> [Institucional (empresa jornalística)] <sup>2</sup>
	Leitor presumido	[Lingüista] <sup>1</sup> Leitor do texto acadêmico de lingüística
Função		F <sup>1</sup> ; F <sup>2</sup> = (F’); (F)

<sup>10</sup> Exemplo disso é a maioria dos livros de produção textual [apresentam uma abordagem tradicional](#) que centra seu trabalho na descrição dos tipos textuais narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo.

<sup>1</sup> primeiro nível de interação;

F<sup>1</sup>: função relacionada ao primeiro nível de interação;

F<sup>2</sup> = (F'): função típica do editorial modificada por conta da ausência de alguns traços contextuais, tais como, suporte, domínio discursivo pelo acréscimo dos propósitos do da análise lingüística.

Na esfera acadêmica, apesar das suas especificidades, há um comportamento semelhante, em termos processuais, ao do funcionamento discursivo do editorial. Aqui também, vemos a interação redefinindo e reorganizando a ação sócio-retórica tipificada pelo gênero. Ao se apropriar do editorial (em F<sup>1</sup>) e, assim, interagir com ele, o Lingüista o faz, teoricamente, em seu suporte característico, o jornal, contemplando tanto a função do gênero como seus objetivos de pesquisa.

Em F<sup>2</sup> = (F') no texto acadêmico de lingüística, a função tipificada pelos propósitos de pesquisa do lingüista é colocada em primeiro plano, secundarizando, dessa forma, a função natural do gênero. Esta vai ter maior ou menor notoriedade a depender das características da abordagem desenvolvida pelo lingüista, assim como ocorre na esfera escolar. Assim, da mesma forma que na esfera escolar, se o **modus de reconstituição de contexto** é um processo assumido na pesquisa desenvolvida sobre o editorial, então os traços macro-ordenadores da atividade lingüístico-social tipificada no gênero apareceram com maior clareza. Todavia, a não adoção desse processo não implica o não aparecimento de traços contextuais inerentes ao domínio discursivo e ao próprio gênero, porque estes deixam traços na materialidade textual que indiretamente preservam a tipificação original do gênero, conforme vemos abaixo em exemplo utilizado para análise em um texto acadêmico de lingüística

### (3) Emergentes

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgou ontem estudo segundo o qual 13,8 milhões de brasileiros subiram de faixa social entre 2001 e 2007. Os números confirmam a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2007 (Pnad 2007), divulgada na semana passada, e mostram que 74% ou 10,2 milhões, saíram da classe de baixa renda e 3,6 milhões de pessoas passaram da classe intermediária para a classe de renda mais alta.

Analistas atribuem a migração das pessoas de baixa renda ao crescimento da economia e aos programas de transferência de renda. Já o caso dos emergentes da classe intermediária é atribuído ao crescimento do mercado de trabalho, que teria proporcionado a inserção da mão-de-obra no mercado formal e de forma duradoura.

Apesar dos números favoráveis, especialistas alertam que o crescimento econômico é insuficiente do ponto de vista da redução das desigualdades regionais. Ou seja, os emergentes da classe de baixa renda têm baixa escolaridade e concentram-se nos estados do Norte e do Nordeste. A avaliação causou inquietação no Planalto. Ontem, o presidente Lula afirmou que vai convocar os governadores das duas regiões a tomar atitudes “mais ousadas” para reduzir as desigualdades.

O presidente Lula citou problemas históricos das duas regiões, como a falta de saneamento, a coleta inadequada do lixo e o analfabetismo como os entraves a combater prioritariamente. Ele voltou a defender a aplicação de recursos da exploração das novas descobertas do setor petrolífero em políticas sociais. O presidente sinalizou que o governo federal está interessado em reduzir as distâncias entre o Sul/Sudeste e o Norte/Nordeste. Cabe aos estados definir o que, dentre suas dificuldades, deve ser tratado como prioridade. E levar a Brasília não apenas a conta de quanto seria necessário para salvar o Estado, mas programas eficientes de gestão. (O Jornal, Maceió, 23 de setembro de 2008, p. A2)<sup>11</sup>

<sup>11</sup> ALVES FILHO, Francisco. **Integridade genérica versus versatilidade no editorial de jornal**. In: V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul - RS. V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – O Ensino em Foco - ANAIS. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/UCS, 2009.

Percebemos a manutenção da textualidade do editorial conforme ocorreu com o exemplo supranalisado da esfera escolar. O **modus de (re)constituição de contexto** e marcado pelos direcionamentos dado pelo lingüista na reflexão que desenvolve no trabalho conforme percebemos nas passagens abaixo sobre o editorial acima

(4) Observemos agora os dois editoriais reproduzidos abaixo, o primeiro publicado em Maceió, no estado de Alagoas, na Região Nordeste do Brasil e o segundo publicado em Teresina, também na Região Nordeste do Brasil. (ALVES FILHO, 2009)

(5) O que poderíamos dizer que há de comum e de diferente entre os dois textos acima? Os propósitos comunicativos são claramente diferentes: o primeiro visa divulgar os resultados, as avaliações e as repercussões de uma pesquisa (...) (ALVES FILHO, 2009)

(6) No primeiro caso não há uma tomada de posição por parte da empresa jornalística, a qual apenas relata opiniões de outros setores da sociedade (...) (ALVES FILHO, 2009)

Nas esferas aqui estudadas, embora, às vezes, possa haver fragmentação das unidades das seqüências textuais para análise seja com fins pedagógicos ou científicos, os mecanismos de textualização permanecem os mesmos<sup>12</sup>. Todavia, os sentidos produzidos acabam sendo outros por conta da inter-relação orgânica e dinâmica entre os mecanismos textuais e os mecanismos macro-ordenadores da atividade semiótico-textual. Assim, mesmo que o contexto original do gênero direta ou indiretamente ainda seja preservado, os objetivos e característica das novas esferas de atividade em o que o editorial possa funcionar imporão novas características e traços funcionais que modificarão de modo substancial sua estrutura e funcionamento.

## 5. Algumas considerações finais

Reafirmamos aqui todos os resultados das reflexões desenvolvidas ao longo deste texto, uma vez que a interação, de fato, é a definidora das funções desempenhadas pelo gênero editorial e que, nos domínios discursivos delimitados para este trabalho o editorial torna-se objeto de reflexão e de ensino fazendo com que a função original seja secundarizada em detrimento da nova ação sócio-retórica executada pelo gênero. Além disso, foi importante também a constatação de que o suporte, mais que uma estrutura acidental e desconsiderável, é constitutivo mesmo do gênero.

Todavia, acreditamos que muitas questões tocadas aqui apenas superficialmente merecem um tratamento mais exaustivo, por exemplo, (a) a tese do leitor institucional em contraponto com a autoria institucional, (b) o estudo dos desdobramentos resultantes da mudança de suporte para os mecanismos de textualização, entre outros. Isso porque, pretendeu-se observar as implicações resultantes do translado das seqüências textuais de um gênero de um suporte a outro. Questão diferente, mas não menos profícua para ser trabalhada, seria olhar as idiosincrasias de funcionamento do editorial conforme esse circule em uma revista de moda, um jornal, uma revista científica, uma revista semanal, etc.

## Referências

<sup>12</sup> Utilizamos fragmentação para nos referirmos aos casos em a abordagem privilegia o estudo dos movimentos retóricos e de traços da estrutura composicional isoladamente.

- ALVES FILHO, Francisco. **A autoria institucional em editoriais de jornais**. Alfa, São Paulo, 50 (1): 77-89, 2006.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].
- BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividade e pessoas. In.: BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEZERRA, Benedito Gomes. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In.: CAVALCANTE, Mônica Magalhães [et al]. **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miler e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In.: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree. [org.]. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- HEMAIS, Bárbara & BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-rertórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In.: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree. [org.]. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. 2003.DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v.1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.
- MILLER, Carolyn R. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia. Recife: Programa de pós-graduação em letras – UFPE, 2009.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree. [org.]. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SILVA, L. S. ; SOUSA, D. P. . **A construção do referente discursivo "Lula" em editoriais de jornais**. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 anos. João Pessoa : IDEIA, 2009. v. 1. p. 1053-1057.



## Anexos

**A.1 CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005, p. 249.**

### PARADOXO DO ABORTO

Animados pela conquista da maioria no Senado norte-americano, alguns republicanos antiabortistas pretendem aprovar na próxima legislatura uma série de restrições ao direito ao aborto.

O pacote, que começa com a proibição de um procedimento médico que eles chamam de “aborto com nascimento parcial”, também inclui tornar crime o ato de levar uma menor para abortar em outro Estado, a fim de evitar que seus pais sejam notificados da gravidez, e a criação do delito de lesões ao feto, a ser aplicada a pessoas que ataquem uma mulher grávida. Os antiabortistas também pretendem que hospitais e clínicas possam recusar-se a fazer abortos sem temer sanções como a perda de subsídios públicos.

Outra medida que deve entrar na agenda republicana é a proibição de pesquisas com células-tronco embrionárias, cuja obtenção implica a destruição de embriões humanos. Algumas dessas iniciativas já foram aprovadas pela Câmara, que também é controlada por republicanos.

A idéia de proibir o “aborto com nascimento parcial”, mais adequadamente chamado pelo nome médico de aborto por ECI (esvaziamento craniano intra-uterino), torna-se curiosa no contraste com o Brasil. Essa técnica é quase exclusivamente utilizada para interromper a gravidez

avançada e que representa risco para a vida da mãe, um dos dois únicos casos em que o aborto é autorizado pela restritiva lei brasileira (o outro é a gravidez resultante de estupro).

[...]

É estranho que os EUA, onde o aborto é considerado um direito constitucional da mulher, cogitem aprovar uma lei que é mais restritiva do que a antiquada legislação brasileira. É claro que uma lei como essa acabaria levada à Suprema Corte. Embora seja esse o tribunal que definiu, 30 anos atrás, o aborto como um direito constitucional, muitos analistas acreditam que, com a atual composição conservadora da corte, a situação possa vir a ser revertida.

O movimento americano tornou-se possível porque conservadores ganharam espaço no Congresso. O Brasil poderia, num movimento análogo, mas de sentido inverso, aproveitar a eleição de um Parlamento um pouco mais liberal que o anterior para debater e modernizar sua arcaica legislação sobre o aborto.

(Folha de S. Paulo, 5/1/2003.)

7. Os editoriais geralmente abordam um tema do momento, um assunto que está em discussão na sociedade. O editorial lido, por exemplo, comenta um fato que, no momento daquela edição do jornal, ocorria nos Estados Unidos.

a) Com base no 1º parágrafo do editorial lido, responda: Que fato da realidade norte-americana chamou a atenção do jornal brasileiro? A possibilidade de ser aprovada uma série de restrições ao direito ao aborto, alterando a lei vigente.

b) Que fato da vida política norte-americana criou a possibilidade de mudanças na legislação naquele país? O fato de a maior parte dos senadores eleitos serem republicanos, muitos dos quais antiabortistas.

2. A autoria do editorial lido não é revelada, ou seja, não é publicado o nome de quem escreveu. Levante hipóteses: Por que você acha que isso acontece? Professor: Abra a discussão com a classe. Sugestão de resposta: Como se trata da opinião do jornal como um todo, não há necessidade de identificar a autoria do texto. Professor: Lembre aos alunos que quem escreve o editorial de um jornal, ao menos nos grandes jornais, são editores-chefes.

3. Nos editoriais, o ponto de vista da publicação sobre o tema em foco geralmente é apresentado logo nos primeiros parágrafos. Isso, entretanto, não ocorre no editorial lido. Em que parágrafo fica claro o ponto de vista do jornal sobre o assunto? No último parágrafo.

250